



COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos || Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa || Administrador: P. António dos Reis || Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

# Fátima

## flor da terra e perfume do Céu

### Santo António de Lisboa — O sétimo centenário da sua morte

Santo António de Lisboa, o mais popular de todos os heróis da virtude que constelam o firmamento do Cristianismo, é, como justamente disse Sua Santidade Pio XI, felizmente reinante, «a glória de Portugal e a honra de toda a Igreja».

O Papa Gregório IX chamou-lhe arca do Testamento, referindo-se aos profundos conhecimentos bíblicos de que dera prova, e S. Boaventura afirmava dele que

de. No dia em que se comemorava o primeiro aniversário da sua morte, celebrava-se também a primeira festa religiosa à sua santidade heroica. Onze meses apenas após o seu ditoso trânsito, a Igreja elevava-o pela canonização solene às honras supremas dos altares — glorificação já mais autorgada tam cedo a qualquer outro dos seus filhos.

Portugal, a terra que lhe foi berço, e a Itália, sua segunda pátria, que guarda religiosamente os seus despojos mortais em rico e formoso altar de sumptuosa Basílica, iniciaram já as homenagens co-

legado do Papa às festas antonianas, celebrou missa de pontifical, seguida dum solene *Te-Deum*, com a assistência de Sua Excelência o Senhor Oscar Carmona, Presidente da República, Nuncio Apostólico, quasi todos os Senhores Bispos de Portugal, Governo, Corpo diplomático, Câmara Municipal, Reitores e Lentes das Universidades, altos dignatários das várias Ordens Militares nacionais e estrangeiras, oficiais de terra e mar, representantes da aristocracia e uma enorme multidão formada por pessoas pertencentes a todas as clases sociais.

realizou-se, com uma assistência selecta e numerosíssima, sob a presidência do Chefe do Estado, que tinha à sua direita Sua Eminência o Senhor D. Manuel II, e à sua esquerda o Sr. General Domingos de Oliveira, Chefe do Governo da Nação e estando presentes ministros de Estado, a sessão inaugural do Congresso Antoniano Nacional, durante a qual discursaram alguns dos mais notáveis oradores do clero e do laicado católico português.

Sua Eminência o Senhor Cardial Legado fez um pequeno mas substancioso

to sobre S. Francisco de Assis e o Apóstolo de Santo António; cónego dr. Joaquim Martins Pontes, que discursou sobre o homem medieval e o homem moderno, e dr. D. António Pereira Forjaz, que desenvolveu o tema — Santo António, mestre da oratória cristã e da ciência portuguesa.

No fim o Eminentíssimo Cardial Legado encerrou o Congresso, realizando-se em seguida um solene *Te-Deum* na igreja de Santo António da Sé em acção de graças pelo bom êxito do mesmo Congresso.



PEREGRINAÇÃO DE MAIO DE 1931—Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca dando a bênção do Santíssimo aos doentes. Conduz a umbrela o Snr. Dr. Lopes da Fonseca, ex-ministro da República Portuguesa.

«abarcava todo o saber dos antigos». Foi sem dúvida o maior orador e o maior missionário do século XIII, desse século em que a Igreja teve grandes santos e grandes sábios, como S. Domingos, S. Francisco de Assis, S. Domingos, S. Tomaz de Aquino e S. Pedro Nolasco.

Sete séculos são passados depois que esse grande vulto da história pátria, cujo nome encheu a sua época e cuja fama de virtudes é de milagres ainda hoje ecoa por todos os recantos do mundo, passou desta vida a gozar para sempre dos esplendores da bem-aventurança. Nunca, em tam pouco tempo, nenhum santo conquistou tam grande fama de santida-

memorativas do sétimo centenário do passamento do glorioso taumaturgo.

### Semana Antoniana — O solene Pontifical em S. Domingos de Lisboa

Depois duma esplêndida semana antoniana, em que prégaram alguns dos nossos melhores oradores sagrados dos dois cleros, regular e secular, no dia treze de Junho último, no vasto e magestoso templo de S. Domingos, o maior de Lisboa, Sua Eminência Reverendíssima o Senhor D. Manuel II, Cardial Patriarca,

Durante uma hora, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. António de Castro Meireles, Bispo do Porto, fez o peneirico do glorioso taumaturgo, versando as questões do capital e do trabalho, da autoridade e da liberdade, do amor da Pátria e da cooperação internacional, as grandes questões que, no dizer do sábio professor Yves de le Brière, caracterizam o nosso tempo.

### O Congresso Nacional Antoniano

No dia catorze, à tarde, na igreja de S. Vicente de Fóra, transformada em salão para este preito a Santo António,

discurso de abertura, dando em seguida a palavra ao Ministro da Justiça, dr. Almeida Eusébio, que fez um magistral discurso sobre Santo António, mestre de humildade, de bondade e de espiritualidade, apontando-o como o maior português de todos os tempos.

Falou depois o Senhor Arcebispo de Evora, sobre a acção nacional do nosso Santo na idade média.

Nos dois dias seguintes fizeram também magistraes discursos os srs. dr. Luis Maria Lopes da Fonseca, ex-Ministro da Justiça, que falou sobre Santo António, o Santo Português, Santo de todo o mundo; dr. Leonardo de Castro, que disser-

«Em todas as dioceses do país, assim como nas da Itália, efectuar-se-ão, dentro do ano do centenário, solenidades religiosas e cívicas destinadas a glorificar a memória veneranda do vulto mais grandioso e mais belo da nossa história, que se ergueu logo na manhã da nossa nacionalidade e que é, incontestavelmente, o maior e o melhor embaixador de Portugal, junto de todas as nações do mundo, o expoente máximo da nossa cultura e a síntese mais perfeita e mais admirável do génio, do valor e das virtudes da nossa raça.»

## Santo António, Padroeiro de Fátima

Fátima, que se orgulha de ter Santo António como seu augusto Padroeiro, rejubila com o esplendor extraordinário que revestiram as festas centenárias e faz votos ao Céu para que o exemplo das suas preclaras virtudes e o mérito da sua valiosa intercessão assegurem a paz e a ordem e o cumprimento dos deveres cristãos nesta terra que lhe foi berço e que o seu coração, grande como o coração dum santo, tanto amou e tanto engrandeciu.

## O dia treze de Junho em Fátima

Dia esplêndido, verdadeiramente primaveril, o dia 13 de Junho, em que a natureza parecia querer emoldurar com as suas galas e louçanias as comemorações festivas do sétimo centenário do ditoso trânsito do grande taumaturgo português. Nem sequer o mais pequeno farrapo de nuvem embaciava a pureza imaculada do céu azul diáfano.

O ambiente era refrescado por uma leve brisa que soprava sem cessar, mitigando os ardores do sol quente de Junho.

## A procissão das velas

Na véspera à noite a procissão das velas realizara-se com uma ordem perfeita e admirável. O terço que a precedeu e a adoração que se lhe seguiu decorreram no meio do maior recolhimento e piedade.

Era enorme a multidão postada junto dos megafónios e em volta do pavilhão dos doentes, onde se efectuaram todos os actos religiosos dos dias 12 e 13.

Os megafónios funcionaram sempre magnificamente.

A assistência, mesmo de véspera, era enormíssima por motivo da festa em honra de Santo António.

## As peregrinações organizadas

Entre as peregrinações mereceu especial referência as seguintes: a da Confraria do Sagrado Coração de Maria do Convento da Encarnação, freguesia da Pena, Lisboa, com 70 pessoas, presidida pelo respectivo capelão rev.<sup>do</sup> João Nunes Monteiro, a de Sintra, com 100 pessoas, presidida pelo rev.<sup>do</sup> Carlos Augusto Teixeira de Azevedo, pároco de Santa Maria e de S. Miguel, a de Minde, primeira peregrinação oficial da freguesia, com 700 pessoas, entre as quais uma doente, presidida pelo pároco rev.<sup>do</sup> Manuel António Querido, a de Espite, segunda peregrinação oficial da freguesia, com 1.500 pessoas, presidida pelo pároco rev.<sup>do</sup> António Pereira Simões, que trazia um excelente grupo coral de cerca de 30 elementos, a de S. Simão de Litem, com 100 pessoas, a de Sé Nova de Coimbra com 68 pessoas, e a de Ameixial, Tóres Vedras, também com 68 pessoas, que se tinham todas confessado nas suas terras antes da partida para Fátima.

## Uma alcaiteia de «lobitos»

Punha uma nota extremamente simpática e encantadora no conjunto geral um grupo de 14 lobitos, dirigidos por dois chefes, da Alcaiteia de Nossa Senhora do Fétal, do Reguengo do Fétal, agregado ao Corpo Nacional de Scouts.

Por causa da festividade do Sagrado Coração de Jesus, realizada quasi por toda a parte na sexta-feira, houve falta de confesores e por isso no dia 13 foram relativamente poucas as comunhões, que se elevaram apenas a pouco mais de cinco mil.

No Pósto das verificações médicas foram inscritos 128 doentes, dos quais 13 receberam hospitalização.

## A missa dos servitas — A missa da Comunhão geral — A missa dos doentes

A missa dos servitas, às 5 horas, foi celebrada pelo capelão director dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário, rev.<sup>do</sup> Dr. Manuel Marques dos Santos.

A missa da Comunhão geral, às 6 horas, foi celebrada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. Manuel Ferreira da Silva, Bispo titular de Gurza e coadjutor de Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro, Patriarca das Índias.

A missa dos doentes foi celebrada ao meio-dia solar pelo venerando Prelado de Leiria, Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. José Alves Correia da Silva.

## O sermão do Senhor Bispo de Gurza — A virtude da pureza — A bênção dos doentes

A missa dos doentes, o Senhor Bispo de Gurza falou durante meia-hora sobre a virtude da santa pureza. Fez o elogio desta angélica virtude por meio duma série de lindas comparações que a definem e engrandecem. Refere-se à predição do Divino Mestre pelas almas castas: Nossa Senhora, S. José, S. João Baptista e S. João Evangelista.

Em seguida assinala os males do vício contrário, punido com terríveis castigos no Antigo e Novo Testamento.

Estes males são para o indivíduo a cegueira da inteligência, o enfraquecimento da vontade e a dureza do coração, para a família discórdias, desordens e a desorganização, e para a sociedade o aviltamento, a perda do carácter e o enfraquecimento contínuo das energias vitais da raça.

O sábio e piedoso Prelado termina com uma ardente exortação à pratica da virtude da pureza a exemplo da Santíssima Virgem, apontando os meios que se devem empregar para isso: a frequência dos sacramentos, a fuga das más companhias e das más leituras e a devoção a Nossa Senhora, Rainha dos Anjos e das Virgens.

A bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes foi dada pelo nosso illustre Prelado.

## Fátima e Sua Santidade Pio XI — Mensagem ao Papa

Após a bênção geral sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Leiria dirigiu-se nos seguintes termos à imensa multidão de fiéis que se estendia pela vasta explanada do local das aparições: «Vós sabeis qua várias vezes Sua Santidade o Papa Pio XI se tem recomendado às nossas orações neste Santuário de Fátima. Mas eu queria que nós hoje duma maneira especial orássemos pelo Santo Padre, pedindo a Nosso Senhor que lhe dê forças para sustentar como tem sustentado, intrépidamente, as lutas em defesa da liberdade e dos direitos da Santa Igreja.

Eu queria mandar um telegrama ao Santo Padre em meu nome e no de todos vós dizendo-lhe que estamos aqui todos unidos com Ele sentindo as suas máguas e sofrendo com Ele.

Uma salva de palmas e vivas abafaram a voz do eminente Prelado que a seguir rezou pelo Papa, pelo Senhor Bispo de Gurza, que tinha vindo despedir-se de Nossa Senhora de Fátima antes de partir para a Índia e finalmente pelos doentes.

## Uma cura extraordinária

Em seguida, em conclusão dos actos oficiais, realizou-se a procissão com a Imagem de Nossa Senhora para a capelinha das aparições. Estava a Imagem a ser colocada sobre o seu pedestal, quando de vários pontos da Cova da Iria começa o povo a correr em direcção ao pavilhão dos doentes.

Que se tinha passado? Numa cama do lado esquerdo de quem sobe para o altar está uma menina cercada de várias pessoas. Tem dezasete anos de idade. É natural de Almoester, conceito de Santarém, mas vive há muito tempo em Lisboa, onde mora na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, rua Marques de Sá da Bandeira, N.º 14, 4.º D.º Chama-se Carmina da Conceição e é filha de Manuel Vitorino Júnior e de D. Inácia da Conceição Barlamachi. Tem dois irmãos e duas irmãs. Há cerca de cinco meses que está doente. Foi visitada e tratada por três médicos: os drs. João Gonçalves, Azevedo e Nazaré, que não eram concordes no diagnóstico da doença. Sofria dores horríveis por todo o corpo e sobretudo nos pulmões, no peito e nos rins.

Perdeu a faculdade dos menores movimentos. Teve de ir para a cama, onde permaneceu quatro longos meses. Passados quinze dias começou a ter ataques convulsivos e a sentir dores fortíssimas nas costas e no peito. Não podia ter o tronco nem a cabeça erectos.

Apoderou-se então dela uma profunda e invencível tristeza. Os remédios recitados pelos médicos e que a desvelada família ministrava à doente não produziam nenhum efeito apreciável e até pareciam agravar o seu melindroso estado.

## Purgatório de trevas

Entretanto a doença que o dr. João Gonçalves diagnosticou como sendo dores nervosas no coração e reumatismo nos ossos, progredia de tal forma que a doente não podia suportar o menor ruído nem ver o mais ténue raião de luz, chegando a pobre mãe a lastimar-se de viver, como ela dizia, num «purgatório de trevas». Aquele illustre Médico, vendo baldados todos os outros recursos, empregou a sugestão como meio terapêutico e obrigou à força a sua cliente a levantar-se da cama. Mas a doente ficou pior.

## Esperanças perdidas — Incurável

Passaram-se estes factos há um mês, pouco mais ou menos. Por fim, o mesmo clínico, depois de a ter auscultado cuidadosamente, diagnosticou uma tuberculose galopante, declarou à família que a doença era incurável e mandou separar tudo o que era do seu uso para evitar o contágio.

Carmina ainda não tinha recebido o sacramento do baptismo. Vendo-a às portas da morte, a família pediu os socorros espirituais da Igreja ao respectivo pároco, que lhe administrou o baptismo, o

Sagrado Viático e a Extrema Unção. O seu estado inspirava a mais viva compaixão a todos os que se aproximavam do seu leito de dor.

## Confiança na Virgem

No coração dos doentes há sempre doce esperança de cura. Carmina da Conceição possuía-a, bem viva, na intercessão, a seu favor, de Nossa Senhora de Fátima.

Com essa doce esperança, partiu de Lisboa, no dia 12, para Fátima, dizendo à família que tinha a certeza de que Nossa Senhora a curaria.

Cheia de dores foi instalada numa cadeira de viagem e conduzida para um automóvel. Que horrível sofrimento o da pobre menina durante aquela viagem em que se gastaram dez horas!

A cadeira ia suspensa por cordas e amparada pela Mãe e por sua irmã, de 22 anos, Maria da Conceição Barlamachi. Do automóvel foi transportada em maca para o hospital por quatro servitas. Na viagem teve várias homoptises.

Tinha sido dada a bênção do Santíssimo. A branca Imagem de Nossa Senhora de Fátima fora já levada procionalmente, entre canticos e vivas e o acenar de milhares de lenços e uma chuva copiosa de flores para o singelo padrão comemorativo das aparições. Toda a esperança de cura parecia perdida.

## Um diálogo com a doente

Nesta ocasião aproximou-se da doente um sacerdote, o rev.<sup>do</sup> José Lourenço dos Santos Palrinhas, prior da Figueira da Foz, a quem a vista daquele espectáculo de tanta dôr tinha comovido profundamente e que lhe diz:

— Quere-se curar a sério?  
— Eu queria.  
— Não queira! Tem a melhor parte. E rapidamente justificou a sua afirmação.

— Olhe: Jesus Cristo é o chefe da humanidade, da cristandade. Tem dois braços, um doente e o outro são. Qual dos dois Jesus Cristo estima mais?  
— O doentinho.  
— ... então?!

## A cura inesperada

Convencida e resignada, a feliz privilegiada da Virgem entregava-se com inteiro abandono à vontade de Deus, quando de repente se acha melhor.

Sentiu-se na cama. Depois pôe-se em pé. O povo acorre. Os servitas contem-no a distância. Carmina da Conceição estava curada. Por duas vezes se levanta de novo a pedido dos circunstantes. Acompanham-na ao Albergue, onde é examinada e interrogada pelo dr. Pereira Gens, director do Pósto das verificações médicas, que antes da cura a tinha observado e constatado a extrema gravidade do seu estado. Ao ver a doente regressar por seu pé, sem auxílio de ninguém, o dr. Gens, pálido de surpresa e comoção, diz para os outros médicos: «esentes! «Que é isto?... Parece impossível uma doente que veio de maca e volta por seu pé».

Terminado o interrogatório da feliz menina, são em seguida interrogadas a Mãe e a irmã.

## Agradecimento à Virgem — Lágrimas de comoção

Após o interrogatório, deu algumas voltas por seu pé dentro do hospital e depois foi à capelinha das aparições agradecer a Nossa Senhora a sua cura. Muitas pessoas choraram de comoção ao vê-la de pé em cima duma cadeira a rezar com todo o fervor, em acção de graças.

No regresso à capital, já veio sentada no automóvel, entre a mãe e a irmã, e, ao apelar-se à porta da sua residência, era objecto de admiração e de entusiasmos para os vizinhos que choravam quando partira para Fátima, julgando que não voltaria com vida. Sua avó, ao ver a cadeira de viagem na rectaguarda do veículo, supoz que sua neta tinha morrido.

## Vida e saúde

Felizmente, porém, ali estava, cheia de vida e saúde. Apenas amparada por uma senhora subiu as escadas do prédio até ao quarto andar. No dia 15 foi sózinha por seu pé à Igreja parochial agradecer novamente a Nossa Senhora a sua cura.

Carmina da Conceição que é de constituição fraca, apresenta-se normalmente, sem vestígios da tosse que tanto a fazia sofrer, falando sem esforço e alimentando-se de tudo, causando o seu estado actual áqueles que a tinham visto durante a sua doença a admiração e o assombro pelo poder e pela bondade da Santíssima Virgem que se dignou curá-la divinamente.

## Fátima e a Ciência

A grande e importante revista portuguesa «Brotéria», na sua série mensal, Fé, Ciências e Letras, vol. XII, fasc. V, de Maio do corrente ano, insere, em lugar

de honra, um longo e substancioso estudo subordinado à epigrafe «Fátima e Lourdes», acerca das aparições e curas extraordinárias de que há catorze anos a esta parte tem sido teatro o que é actualmente, sem contestação, o mais célebre santuário do mundo.

Esse primeiro trabalho histórico-crítico, que ocupa as primeiras treze páginas de texto da famosa revista, é devido à pena do illustre filósofo e naturalista, dr. Joaquim da Silva Tavares, sócio efectivo da Academia das Ciências, de Lisboa, e sábio de renome universal.

Além da introdução e da conclusão, contém o notável artigo sete capítulos com os títulos seguintes: *Agua abençoada, As aparições em Lourdes, As aparições em Fátima, Os três videntes, Contradições, As peregrinações e O culto em Fátima.*

No mesmo número, fóra do texto do artigo, insere a revista uma linda estampa da Nossa Senhora que se venera em Fátima e mais dez gravuras, algumas de página, representando diversos aspectos do local sagrado e das peregrinações de Maio de 1926 e de Maio de 1929.

Bem haja o grande Naturalista pela publicação do seu precioso trabalho, tão consciencioso e autorizado, escrito com a veracidade, elevação e imparcialidade próprias do carácter do autor e da índole da revista que se honra inserindo-o nas suas páginas.

Do magnífico artigo foi feita uma «separata», recentemente publicada, que se encontra à venda nas principais livrarias.

## Em terras de Santa Cruz — Casa de Nossa Senhora de Fátima

Na cidade de S. Luis do Maranhão, uma das mais importantes da nobre e gloriosa nação irmã de Além-Atlântico, acaba de se abrir uma casa de artigos religiosos, objectos de piedade e boa imprensa, que veio preencher uma lacuna que havia muito se notava na capital do estado do mesmo nome. O dono ou antes o chefe desse estabelecimento é o honrado e activo comerciante sr. Joaquim Pinheiro Gomes, proprietário da Agência Gomes com sede naquela cidade. Católico convicto e fervoroso, pondo na defesa das suas crenças todo o entusiasmo e toda a energia dum convertido, aquele dedicadíssimo filho da Santa Igreja, que todo o norte de Portugal conhece pelas suas benemérencias, deu à nova casa comercial, «por uma questão de fé e patriotismo», segundo a sua frase, a sugestiva denominação de «Casa de Nossa Senhora de Fátima».

O seu objectivo principal, como é próprio diz, é inundar o Maranhão de bons livros, livros são, que toda a gente possa ler com real aproveitamento.

O sr. Pinheiro Gomes abalçou-se a mais este empreendimento, tão útil como benemérito, de acôrdo com alguns amigos, todos bons católicos e até confrades da Conferência de S. Vicente de Paulo.

Bem haja o illustre português, que nas terras longuigas de Santa Cruz tanto honra a sua Pátria, pela sua magnifica iniciativa que levou a efeito por uma questão de ética religiosa e que tem as bênçãos de Deus, a aprovação e o apoio moral da autoridade eclesiástica e o aplauso unânime dos católicos do Maranhão!

Como escreve justamente o jornal «O Tempo», diário que se publica na cidade do Maranhão, no seu número de 15 de Abril passado, em longo e primoroso artigo devido à pena cintilante do distinto jornalista brasileiro rev.<sup>do</sup> Arias Cruz, essa iniciativa constitui «uma edificação de propósitos nobilíssimos, em cujo ambiente a infância e a mocidade, carregadas de esperanças, só deparam elementos de vida, e não o tóxico violento, a corrupção da virtude, que tantas vezes se perde quando se pretendia adquirir garantias para as convicções e os bons sentimentos».

A «Casa de Nossa Senhora de Fátima» está instalada no número 251 da rua Tarquinio Lopes.

O «Tempo» termina o artigo acima citado com estas palavras: «Parabens aos católicos do Maranhão! Parabens à Igreja Maranhense!»

A «Voz da Fátima», fazendo também seus esses parabens, felicita cordialmente o sr. Pinheiro Gomes, pedindo a Nossa Senhora de Fátima se digne abençoar e coroar de feliz êxito a sua obra a que presidem os mais nobres e generosos intuitos.

## Homenagem dos peregrinos da Fátima ao Santo Padre

O Snr. Bispo de Leiria antes de terminar a peregrinação de Junho e depois de orar pelo Sumo Pontífice, como Sua Santidade tem recomendado, propôs que fôsse enviado para o Santo Padre o seguinte telegrama:

Em.<sup>mo</sup> Cardial Secretário de Estado — Cidade do Vaticano.

Milhares de peregrinos Santuário Nossa Senhora Fátima sentindo amarguras Santo Padre pedem liberdade Igreja protestam filial submissão rogando Bênção Apostólica.

BISPO LEIRIA

O Santo Padre dignou-se responder por intermédio do Em.<sup>mo</sup> Cardial Secretário:

Cidade Vaticano, 23, 13, 15.

Agradecido pela filial homenagem de adesão o Santo Padre abençoa de todo o coração os peregrinos do Santuário de Fátima.

CARDIAL PACELLI

## NOSSA SENHORA DE FÁTIMA EM ROMA

Chega a Sua linda imagem no dia da festa de Santo António

Do illustre correspondente das «Novidades» em Roma respigamos a seguinte noticia não transcrevendo o artigo todo por falta de espaço:

Foi a mãe que veio à procura do filho, disse o nosso Ministro junto do Vaticano. Foi Nossa Senhora de Fátima que veio cooperar na glorificação do patricio Santo António, digo eu. Foi por milagre, dizem todos.

E eu lhes digo porque. O Sr. Dr. Trindade Coelho havia encomendado ao Sr. José Ferreira Tedim, de Coronado, Santo Tirso, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para a Igreja nacional de Santo António dos Portugueses. O generoso e hábil artista enviou-a; e, como são morosíssimas as demarches para levantar das alfândegas as encomendas, pensou-se que, só daqui a um mês, ela estaria na Igreja, e isto com grande pesar para o Sr. Ministro.

E por isto projectava-se uma festa para mais tarde.

N'isto e de surpresa vem o caixão. Vem minutos antes de se iniciar a solenidade do último dia. Abre-se o caixão e a imagem linda, branca, mimosa, portadora das saúdaes de Portugal aos portugueses de Roma, aparece a encantar e a dar ensejo a ser logo benzida.

Ela chegou no último dia da festa a Santo António, nos últimos dias da estadia em Roma do Sr. Ministro, quando a Igreja estava em grande gala, quando todos os portugueses estavam dentro dela, quando à porta do Instituto Português descia do seu automóvel, acompanhado da sua côrte, o Sr. Cardial Locatelli que eu e nós todos temos na conta de precioso amigo nosso.

Chamem a isto milagre; chamem-lhe coincidência; chamem-lhe acaso que é sinónimo de Providência; chamem-lhe o que quiserem; cá por mim classifco isto de gentileza do céu, elegância maternal daquela grande Senhora que resolveu em 1917 converter o nosso país e convidá-lo miraculosamente para reatar o fio histórico das nossas tradições de glória, ligar amorosamente o nosso passado de aristocráticas virtudes ao nosso presente que tem fome e sede de Deus.

Seja como fór, o facto é que Nossa Senhora chegou na hora em que devia chegar; e, foi no meio da mais intensa comoção de todos nós e da admiração da assistência italiana e com grande júbilo do Emmentíssimo Cardial que a imagem se benzeu e que os queridos alunos do Colégio Português entoaram com alma, com delírio de fé o hino a Nossa Senhora de Fátima, a Santa dos nossos pensamentos, a Santa que é a mesma Santa Maria dos nossos ataques à moirama, a mesma Santa Maria da nossa independência política, a mesma Santa Maria das nossas descobertas e conquistas, a mesma Santa Maria da nossa ressurreição para Cristo Rei.

Cá está em Santo António, chegada e benzida no dia máximo da festa do seu fidelíssimo servo que em terras de França e da Itália a cantou, a propagou, a defendeu e a exaltou com aquele entusiasmo de um santo que tem nervos portugueses, alma portuguesa, arrojado português e abençoado atrevidamente português.

Cá está, dizia eu, na nossa igreja nacional. Não fazia sentido que ela cá não estivesse. Era preciso que estivesse para irradiar as suas graças pela capital do cristianismo, para ser nossa companheira, para falar a esta gente da nossa terra, como Lourdes fala da França.

Estou absolutamente convencido de que Nossa Senhora de Fátima, mesmo em Roma, vai fazer muito bem a Portugal. O Santo Padre já a conhece e não ignora os prodígios de fé que está operando em Portugal.

Daqui a pouco saber-se-á a sua história e como a nossa igreja nacional é uma das mais lindas de Roma, situada no seu antigo bairro aristocrático onde se encontram os mais imponentes palácios romanos e onde moram os descendentes das nobres famílias do sacro império, a fama de Nossa Senhora de Fátima correrá rapidamente e contribuirá para que ela seja um centro de atracção, de conquista, de revigoramento de fé.

Começaram as festas maravilhosamente bem e a trezena de pontificais terminou com chave de ouro celestial porque Nossa Senhora de Fátima quis chegar no último dia para ter a presença do Ministro de Portugal, que teve a feliz lembrança de a mandar vir, e para ser benzida pelo Sr. Cardinal Achilles Liçá, que, como antigo Nuncio Apostólico de Sua Santidade em Lisboa e grande amigo nosso, quis dar-nos a honra da sua presença e, mais do que isto, da sua colaboração às nossas festas.

J. Santa Rita

MAIS TARDE VEREMOS

Palavras imprudentes que não tens o direito de pronunciar.

— Em primeiro lugar, a religião é uma coisa muito séria e não é permitido a ninguém repeti-la como uma bagatela ou coisa de pouca importância. Talvez conheças as palavras históricas atribuídas a Archias, tirano da cidade de Thebas. Estava à mesa, cheio de vinho, rodeado de companheiros alegres. Levaram-lhe um documento para ele ler imediatamente.

Archias pondo a carta debaixo do travesseiro respondeu: «Negócios sérios tem de ficar para amanhã». E continuou o festim que ia acabar por uma morte violenta.

Assim procede muita gente, pensando ter muito juízo. Só pensam nas honras, nos bens de fortuna, nas fantasias do bem estar. Adiam sempre as coisas sérias, isto é, o serviço de Deus e o cuidado da sua alma. Num belo dia chegam ao fim do banquete, vastos dos falsos bens que lhe escapam e dos verdadeiros bens de que não souberam enriquecer-se. Veremos depois!... Terás tu o direito de dizer uma coisa destas? A religião é uma coisa séria, capital, essencial, que não podemos deixar para a semana dos nove dias.

— Deus não quer esperar. E Ele é o senhor da nossa vida toda. Servindo-me duma expressão célebre venho perguntar-te: que lugar tem tido Deus até agora na tua alma?

— Nenhum. E que lugar deve Ele lá ter? Todo. E tu a dizer que vemos depois. Dás a entender que desejas oferecer a Deus os restos da tua existência. Ora os restos, os ossos, sabe-se a que é costume lançá-los. Deus não pode descer até este ponto.

Suponhamos que tens um dever que combinou contigo pagar-te uma dívida importante durante cinco anos, trimestralmente. Todos os três meses vais a casa dele para receberes a quantia estipulada. Ele, porém, de cada vez, em vez de te pagar, dizia-te: «hoje não. Veremos outro dia». Perante esta brincadeira de mau gosto, tu não te ficarias assim mas recorrerias aos tribunais. Pois bem! Nós somos devedores para com Deus. Reclama as nossas homenagens, exige as nossas adorações a nossa obediência e nós não temos o direito de lhe dizer: «mais tarde veremos».

Além disto, vendo-nos proceder e pensar assim, que dirão e que farão os nossos contemporâneos e os nossos vizinhos, a quem damos um exemplo tão pernicioso?

Pensam que no fim de contas,

podem bem dispensar-se de crer e praticar a religião, visto que tantos outros vivem na indiferença. Se se lhes pergunta a razão da sua abstenção religiosa respondem que fazem como os outros. Efectivamente, lá vão eles arrastados, na corrente dos negócios e dos prazeres, insensíveis aos rebates da sua consciência, inatentos aos interesses da vida futura, embriagados pelo tumulto, pelo movimento e pelo barulho, ocultando, ou mal deixando ver, o estandarte da fé.

É assim que a causa religiosa vai perdendo terreno, por estas abstenções dos que por palavras ou por obras vão dizendo: depois veremos.

Malesherbes, que caiu tão nobremente sob os golpes da Convenção depois de ter defendido o infelizmente Luis XVI, participara antes disso dos erros dos filósofos do seu tempo. Como director de livreria, ele mesmo tinha encorajado a Encyclopédia e todas as publicações de Rousseau. Depois, iluminado pelos erros da Revolução, exclamava um dia: «foi esta filosofia, de que eu fui também juguete, que nos precipitou neste abismo de destruição». Palavras tardias que mostram o mal mas não o remediaram! Ah! quanta gente imita hoje os antepassados do século XVIII!

Posto que não se associem directamente a projectos de impiedade, deixa que ela se organize e chegue ao resultado que deseja.

Se não atacam a religião, não a defendem. Calam-se, absteem-se, esperam e vão dizendo: «Mais tarde, veremos».

E depois? Depois, já será tarde, quando tudo já estiver por terra já não é ocasião de agir. Chorarás sobre as ruínas mas não são as tuas lágrimas que conseguirão levantá-las. Dize então, se te parece: «veremos mais tarde».

Palavras imprudentes estas, não só contrárias à consciência mas até à simples razão e mais elementar bom senso—Vais já vê-lo.

1.º Praticarei a religião mais tarde. Isto não é razoável. Ora ouve. Suponhamos que queres ir fazer uma viagem ao estrangeiro e que me vens pedir conselho. Levo-te à estação, enfió-te num vagon de 1.ª classe.

— Um momento... Para onde vais este comboio (perguntas tu)?

— Não te importes (respondo eu). Tens de passar cinco horas neste carro. senta-te à tua vontade. Aqui tens cigarros e jornais e... pronto.

— Está tudo muito bem, mas (só uma pergunta) onde é que eu hei-de desembarcar?

— Não te importes com isso, que são coisas que incomodam (respondo eu). Vive a hora presente, e hora da viagem. O resto depois se verá.

Feito isto, aperto-te pela última vez a mão fecha-se a porta e o comboio parte.

— Que ditas tu a uma coisa destas? uma coisa absurda.

Ora é isto o que se passa continuamente no mundo. Caminha-se ao acaso, sem se saber nem querer saber para onde.

Vive-se sem se querer saber para onde se vai depois de se ter vivido. Veremos depois, mas quando?

2.º Praticarei a religião à hora da morte. Isto não é sério. Quem é que te disse que não morrerás de repente?

Já lá vão tantos teus amigos de infância.

A erva cresce sobre o túmulo de mortos mais novos e que pareciam mais robustos que tu.

Olha em volta de ti. Quantas mortes repentinas todos os dias!

Há seis mil anos que isto se diz. E na verdade um morre à mesa, outro é encontrado estendido à volta de uma rua, um outro que à noite se deitou na cama cheio de saúde, apareceu de manhã cadáver frio.

Aqui um pedreiro no andaime de um prédio em construção vai cantarolando uma canção da sua terra e não vê uma corda a desatar-se. Esses viajantes do caminho de ferro pensam que o maquinista vai só e não veem a seu lado a morte: e... pronto, dois comboios que se chocam em plena noite.

Quem quer que sejas não podes dizer: «daqui a um ano, a tal hora, ainda estarei vivo».

Luis XI era rei e tinha um medo horrível da morte, procurando barricar-se contra a sua visita, implorando, para a conjurar, todos os anjos do céu e todos os santos da terra. Nem os remédios, nem as orações, nem as precauções o impedi-

ram de morrer. Tinha de passar por onde passam todos os outros.

Um outro exemplo mais recente. O famoso romancista Balzac que, nos seus livros tantas personagens fizera morrer, nunca imaginou que também ele tinha de morrer.

Doente, pergunta ao médico: «quanto tempo poderei eu ainda viver? Seis meses... seis semanas... seis dias?...»

— Quem pode, neste mundo, assegurar-nos uma hora de vida, diz o médico sorrindo enigmáticamente.

— Não viveres, pois, mais de seis horas (exclama Balzac espantado)! Cái sobre o travesseiro. Estava morto.

Fia-te em sapatos de defuntos! É verdade que nem todos morrem de repente, mas sabes tu se não és um destes?

3.º — Praticarei a religião quando estiver doente, teu último recurso de mau pagador.

Sim. Pode acontecer que antes da morte tenhas uma doença demorada em que o frio da morte vai subindo gradualmente até atingir o coração.

Mas quem te diz que terás as forças e o conhecimento necessário para tratar da tua alma? A maior parte dos doentes ilude-se a respeito do seu estado e encaminham todo o seu pensamento para a esperança de se curar. A gente que o rodeia, os amigos e o médico, temendo desgostar o doente, não lhe falam com franqueza. E assim, por uma falsa delicadeza, para poupar emoções, lá deixam partir o pobre doente sem sacramentos. O doente irá decaindo a pouco e pouco numa depressão mental e prostração física de tal ordem que seria difícil a sua reconciliação com Deus.

Além disto quem pode estar seguro de que Deus, repellido e desobedecido há tanto tempo, dará nos últimos momentos a graça da conversão?

Um dia perguntaram a um solitário:

— Quando é que devemos converter-nos?

— Um dia antes da morte.

— Mas eu não sei quando ela vem

— Portanto, a volta para Deus deve ser hoje, porque amanhã pode ser muito tarde.

LIRIO ENTRE ESPINHOS

(«Maria Filippetto» 1912-1927)

Um lírio, com a alvura das pétalas puríssimas, com o delicado do aroma, é um dos quadros mais belos que nos pode oferecer a natureza. E essa flor mimosa sobe ainda de preço quando ostenta as suas galas entre espinhos que pungem, para entre espinhos vir a fenecer.

Um lírio, não da natureza mas da graça, desabrochado sob o céu da Itália, lírio de inocência virginal que entre os espinhos de um sofrimento atroz e prolongado, embalsama por 15 primaveras uma família modelo, e hoje desde o céu difunde encanto por toda a terra, vão contemplar por breves momentos os nossos estimados leitores.

Maria Filippetto era o nome da donzelinha santa, colhida para os jardins celestes aos 15 anos de idade no dia 3 de Junho de 1927.

Nasceria em Pádua, à sombra propícia do taumaturgo português, na sexta-feira santa, 5 de Abril de 1912. Notável coincidência! Vinha ao mundo para amar e sofrer no dia consagrado ao sofrimento e amor mais sublimes.

Decorriam-lhe alegres em exuberância de vida os anos infantis, quando o seu Anjo lhe veio imprimir na fronte o sinal da Cruz. E ei-la passar repentinamente da estrada florida da primeira idade para o caminho duro e espinhoso do Calvário. Uma doença lenta mas inexorável inicia a obra fatal de destruir aqueles membros que pareciam prometer-lhe uma vida sã e duradoura. E' baldado o recurso a todos os remédios. Maria com o sorriso nos lábios presta-se a tudo pacientemente para contentar os pais aflitos, mas repete: «se Jesus quiser dar-me a saúde conhece bem o remédio».

Aos 9 anos lê a «História de uma Alma» e faz-se imitadora da aguçena de Lisieux chamando-lhe a sua «irmãzinha». A vida da inocente menina é de manhã à noite entretida de sacrificios que busca avidamente e oferece a Deus pela salvação das almas, pelas Missões longínquas: são as injeções frequentes e dolorosas, as dificuldades de respiração, a comida sempre amarga e de rigorosa dieta. Um dia que parecia livre do mal a mãe apresenta-lhe dois frutos saborosos. Maria que havia tanto tempo os não saboreava recebe-os, contempla-os e sem os levar à boca diz: «não seria melhor oferecê-los a Jesus?». A mãe enternecida, com as lágrimas nos olhos, admira a fortaleza da filha.

Dotada de um carácter demasiado viril e um tanto áspero, empenha-se numa luta corajosa contra este defeito, recorre ao exame particular e vai de vitória em vitória até conseguir uma delicadeza e mansidão inalteráveis.

Nas crises da prolongada enfermidade, Maria Filippetto sobe três vezes ao leito operatório. O seu estado não permite anestesia. Cena comovente numa criança de tenros anos! cena digna de imortalizar no mármore o sofrimento cristão!

O ferro penetra-lhe nos membros delicados, raspa-lhe os ossos, e ela estreitando na mãozinha o crucifixo, saboreia o cális de agonia sem um lamento. Dos lábios sufocados pela dôr só brotam jaculatórias.

Mais tarde escreverá: «de olhos fitos no Crucifixo, pensando somente nele posso suportar todas as provas. Que vem a ser o meu sofrimento de fronte do de Jesus crucificado?»

A cruz da enfermidade é para ela fonte preciosa de méritos: «no meu leito, escreve, posso ser um Apóstolo, oferecendo de continuo a Jesus os meus sofrimentos pela salvação das almas. Sou uma vitimizinha».

Quanto são comeventes os brados generosos desta menina-vítima! «A Voz é uma bênção. Dizer: Fiat é muito pouco; devemos agradecer ao Senhor as cruces que nos manda».

«Estou contente de sofrer; sou o cacho de uvas que se oferece nas mãos de Jesus para ser espremido».

«Jesus, fazei de mim o que vos aprouver... crucificai-me; estendo os braços, ofereço-me toda a Vós, mas... dai-me almas».

Preguntei-me a mim mesmo ao ler a biografia desta angélica donzelinha, e perguntar-se não os leitores: onde aprendeu tal generosidade, tal amor ao sofrimento e às almas uma criança de tenros anos? Quem lhe inspirou vibrações tão ardentes que nos trazem à mente Teresa de Jesus, Catarina de Sena, Maria Madalena de Pazzi e em nossos dias, a Virgem de Lisieux?



MARIA FILIPPETTO

A resposta dá-no-la um ilustre purpurado bem conhecido pela sua piedade e profundo saber, o Em.ºm Card. Camilo Laurenti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos: «Nos fulgores eucarísticos viu a divina beleza do Filho da Virgem e consagrou-se-Lhe para subir com Ele ao Calvário. E teve a sua coroa de esposa do Crucificado, coroa tecida de lírios e de espinhos».

O próprio Santo Padre Pio XI, que lendo a biografia de Maria Filippetto exclamara comovido: «Estas vidas de crianças santas fazem tanto bem!» acrescentou ainda: «eis um fruto da Comunhão-freqüente!»

Maria era toda para o seu Amado. Recebera-o a primeira vez com ardores angélicos, deseja depois acolhê-lo diariamente no coraçãozinho puro.

Não lhe consentindo a doença conservar-se em jejum muito tempo, obtém do Sumo Pontífice a faculdade de comungar todos os dias ainda mesmo depois de tomar algum alimento em forma de bebida.

Outro favor insigne lhe concede Jesus, descendo do céu, Vítima Eucarística, ao altar pequenino do quarto onde se imolava a sua esposa. Oh! a Missa junto ao leito de dôr como ela a recordava saudável e confundida!

Do Sacrificio de Jesus aprendia a sacrificar-se, do Pão dos Anjos tomava o conforto que a fazia sorrir e exultar no prolongado martírio.

Ao lado de Jesus queria sempre a Mãe celeste. Dirigia-lhe ternos colóquios, celebrava-lhe o mês de Maio com fervor de anjo, falava d'Ele assim: «Sou a filha de Maria como sou o cordeirinho de Jesus. Maria ampara-me sob o seu manto. Oh! assim protegida não temo a tempestade! Como Vós pura, como Vós boa, mãã celeste!»

Nun impeto de amor, ao alvorecer do último ano de vida consagra a Deus pelas mãos de Maria Santíssima a sua virgindade. Sublime espectáculo! Num quarto silencioso, soerguida na cruz do seu leito e amparada pela própria mãe, ante a Hóstia Sacrossanta que o sacerdote tem nas mãos, a vitimizinha entrega a Jesus o coração ilibado que jámais amor terreno maculara.

Era o dia 11 de fevereiro, festa de

Nossa Senhora de Lourdes. «Que prazer, escrevia depois ao seu Director Espiritual, que prazer estar sempre sob a protecção de Maria, da querida Mãã celeste, ser a sua filha, poder-me abandonar entre os seus braços, estreitar-me àquele seio puríssimo!»

A Virgem-Mãe não tardaria de facto em descer à terra para, em seus braços, levar para junto de Jesus a filha predilecta.

O mês das flores passara: a flor do céu, rica de méritos ia ser transplantada no celeste vergel. Assistamos-lhe aos últimos momentos dando a palavra, quanto possível, à mã forte e generosa da afortunada menina na carta que escrevia ao seu filho, religioso da Companhia de Jesus: «a nossa Maria já não está entre nós. Quanta razão temos para chorar, não por ela que já goza da visão beatífica de Deus, mas por nós que a perdemos!»

A febre consumia-a rapidamente sem lhe alterar a serenidade. Seu meigo sorriso confortava-nos sempre. No dia 1 de Junho, nas horas em que a febre baixara pediu ao R. P.º Rosi S. J., seu confessor, que lhe administrasse a Extrema-Unção para ser completamente de Jesus, toda pura, toda abandonada a Ele. Enquanto o Padre a ungiu, ela sorridente ia respondendo às orações. Tinha-se a doce ilusão de assistir a uma festa, não a uma cerimónia triste. E' um espectáculo que lembra o paraíso, dizia o sacerdote enternecido.

A nossa Maria que naquele raiair do mês do Sagrado Coração escolhera para todo êle a jaculatória: Fiat voluntas tua — faça-se a vossa vontade — sentia-se tão contente que me repetia com voz comovida: «quanta suavidade, não mã, quanta suavidade!»

Na manhã do dia 3 recebeu como de costume a Sagrada Comunhão. Enquanto o P. Rosi erguia a Hóstia santa parecia querer devorá-la com os olhos. Perguntei-lhe pouco depois, se sofria muito. Fitando o Sagrado Coração respondeu-me: «E' o seu dia, a primeira sexta-feira do seu mês. Disse-lhe que faça hoje de mim o que quiser, que estou pronta para tudo, mas que me dê alguma alma».

As duas da tarde entrava improvisamente em agonia. Mandei chamar o P.º Rosi e o médico.

Conservava-se sempre calma. Perguntando-lhe o Padre, depois de falar-lhe longo tempo e de dar-lhe a absolvição e a Indulgência plenária, se desejava receber ainda o Sagrado Viático: «sim, sim, respondeu, traga-mo e dê-me tudo, tudo o que puder». O Padre saiu apressado. Na breve ausência, a moribunda com um supremo esforço tentou sentar-se no leito, e com os olhos scintilantes, o rosto iluminado, o sorriso nos lábios exclamou: «Que beleza! estou contente, muito contente... Estou contente de ter feito sempre o que pude para dar gosto a Jesus. Oh! se o mundo todo fizesse o que pode, como Jesus estaria contente!... todos... todos anjos... todos... Mãã, mãã».

Foram as últimas palavras. Caíu sobre o travesseiro, consciente ainda, mas incapaz de falar.

Entrava o Santíssimo naquele momento mas a nossa Maria já não o podia receber. Então o P.º Rosi inspirado do céu, colocou a sagrada Hóstia sobre o peito immaculado da vitimizinha. Assim permaneceu por duas horas estreitando Jesus ao seio com a mã já quasi fria. As nove menos cinco minutos expirava docemente. Ante aquele corpo exânime, verdadeiro altar, onde ainda repousava Jesus Sacramento, em vez do «De profundis» recitou-se em cântico o «Te-Deum»: um novo anjo dera entrada no Paraíso».

Estava completo o sacrificio. Começava o dia eterno do triunfo. O corpo da angélica menina revestido de branco, esteve exposto durante quasi 60 horas, sem a mínima alteração, coberto de rosas e lírios, no mesmo leito onde agonizara. Todos queriam tocar nele toques e medalhas. O enterro foi uma apoteose. Deus, que na expressão do actual Sumo Pontífice, mostrou em nossos dias particular complacência em glorificar as almas simples, mostrou depressa quanto lhe fosse grata a alma desta vítima pura e escondida.

Maria Filippetto prometera à sua mã ao seu confessor, pouco antes de morrer, que do céu «olharia sempre para a terra». Os três anos que decorreram após o seu passamento comprovam a realização da promessa. Graças de todo o género, curas extraordinárias, conversões notáveis ainda mesmo em países protestantes, lembram a mística chuva de rosas de S.ta Teresinha. O nome desta menina transpôs de há muito os confins da sua pátria. A sua biografia singela e comovente repassada de um aroma celeste, as folhinhas impressas com a sua imagem e os seus pensamentos são pedidos não só para as várias nações da Europa mas até para a Africa e Austrália.

A biografia italiana vai já em 4 edições com 16.000 exemplares, a inglesa em três. Esperamos vê-la também para breve traduzida no belo idioma que falou S. António.

Portugueses, que neste ano centenário, ireis a Pádua venerar o filho mais ilustre da nossa terra, depondê também uma saúde no túmulo já glorioso da angélica donzelinha que perpassou ante vossos

olhos; visitai o quarto, hoje veneranda reliquia, santificado pelo seu prolongado martírio; pedi-lhe que alcance para os meninos e meninas, para os jovens e donzelas de Portugal aquele ardente amor a Jesus e Maria que lhe abrasaram o coração puríssimo, num ideal sublime de sacrifício e de apostolado.

J. de T. F.

NOTA: Remetemos aos leitores que desejem mais pormenores sobre a vida desta angélica menina a sua Biografia singela e comvente.

Consta-nos que a tradução portuguesa está sendo preparada em Lisboa.

E' um livro digno de ser lido por todas as meninas e donzelas da nossa Pátria.

## Graças de N.ª S.ª de Fátima

Maria Isabel da Rocha, de Lisboa. Humildemente prostrada aos pés de N.ª Senhora da Fátima, vem agradecer-lhe uma grande graça relatando o seguinte:

Havia 15 anos que sofrera uma grave afecção do estômago e, tendo sido tratada por um dos melhores especialistas da Capital, melhorou consideravelmente, observando, contudo, uma rigorosa dieta. Porém, a 7 de Janeiro de 1927, após ter ingerido um copo de chá muito frio, e muito forte, sentiu-se subitamente aflixa, apresentando sinais aparentes de congestão cerebral.

Acudindo o médico, que se chamou imediatamente, este declarou que se tratava de uma intoxicação, possivelmente provocada pelo chá fortíssimo, que bebera.

Os sofrimentos horríveis por que passou durante o ano que se seguiu, são inteiramente indescrevíveis!!! Chamados 3 dos mais abalizados clínicos de Lisboa, em vão esgotaram todos os recursos de ciência, procurando debelar afincadamente a doença, que se apresentava sob múltiplos aspectos...

Privada de alimentos, em consequência do estômago não poder suportá-los, alimentada apenas a injeções, chegou a um grau de fraqueza geral, que causava espanto a todos: enfraquecimento, que lhe afectou intensamente o cérebro, produzindo crises medonhas e atingindo igualmente as pernas que, completamente imobilizadas, perderam toda a acção.

Os médicos já sem esperança alguma de a salvar, mandavam, no entanto, aplicar-lhe continuas injeções, chegando a levar 14 por dia.

A 7 de Março, um deles declarou que ela não chegaria à noite, que a morte era certa e fatal!

As duas amigas com quem vive, não puderam conformar-se com o terrível diagnóstico, e cheias de aflição prostraram-se aos pés da Virgem da Fátima, suplicando ardentemente a salvação da amiga querida, fazendo beber à doente alguns goles da água milagrosa.

Melhorou um pouco, mas sempre sem esperança alguma.

Foi sacramentada por quatro vezes, pois os médicos todos os dias, quando a visitavam, diziam que não chegaria ao dia seguinte:

«Era uma lâmpada que lenta e fatalmente se extinguia» diziam eles.

A «Saúde dos enfermos» contido, não a abandonava! os dias iam decorrendo e a predição médica não se confirmava, embora a doente continuasse abalada por terríveis crises cerebrais, o que levou um dos clínicos, a declarar que ela ficaria anormal, se porventura se salvasse...

A família, porém, esperava sempre, animada pela sua fé ardente, suplicando em lágrimas a intervenção de Nossa Senhora da Fátima.

Começou a melhorar, a entrar numa fase manifestamente mais serena, mais benigna, que fez reluzir muito ao longe, um ténue clarão de esperança!

As pernas, porém, continuavam imóveis parecendo desconjuntadas! Novamente lhe foram aplicados todos os tratamentos aconselhados pela ciência, sem resultado algum, dizendo um dos médicos que ela já mais andaria...

Nestas alternativas de esperança e desespero, decorriam os dias, tristemente para a família e dolorosamente para a doente, até que as suas dedicadas amigas resolveram conduzi-la à Fátima a 12 de Junho de 1928. E, no trajecto, ora de comboio, ora de automóvel, encontraram ilustres cavalheiros que, com toda a caridade cristã, a transportavam ao colo, como uma pobre criança...

Chegaram, enfim, a Fátima, a verdadeira terra de milagre para os enfermos do corpo e da alma!

Aí, foi transportada pelos servitas com todo o carinho, em maca, para o pavilhão dos doentes, aonde se conservou deitada toda a noite.

No dia seguinte, assistiu à missa e à bênção dos doentes, chorando e implorando fervorosamente a sua cura, à Dóce «saúde dos enfermos»...

Não experimentou, porém, melhoras algumas, e, tristemente desolada, mas fulgurante de fé; retomou o caminho de Lisboa, na companhia das suas amigas e desveladas enfermeiras.

Chegaram à Capital por volta das 2

horas da madrugada e as duas senhoras que a acompanhavam viram-se aflitas, ao constatarem que àquela hora tardia, não havia moços na praça e que elas eram impotentes para conduzir a doente ao 2.º andar, onde residiam.

Mas eis que, ao deliberarem mandar vir um colchão para ela passar o resto da noite, no patamar, esperando aí os primeiros alvôres da manhã — a doente que então, não se segurava de pé, levanta-se agarra-se ao corrimão e sobe lentamente a escada, sôzinha!!!

No dia seguinte — muito fatigada ficou de cama e, no outro dia, quando todos almoçavam na casa de jantar, aparece ela, sem auxílio do que quer que fosse, apenas amparando-se com as mãos às paredes do corredor.

Todos extáticos, caíram de joelhos chorando e bendizendo à Virgem Santíssima da Fátima, que acabava de fazer mais uma das suas graças!...

A partir desse dia faustoso, começou a melhorar progressivamente dos seus sofrimentos, até hoje, que apenas conserva, dos seus terríveis e antigos males uma ligeira fraqueza no cérebro e um pequeno entorpecimento na extremidade dos dedos dos pés, o que a força a apoiar-se a uma bengala quando anda na areia. De resto, move-se bem e vai a toda a parte e, as pessoas que a viram nas suas crises medonhas, incluindo os próprios médicos, — ao contemplarem o seu belo aspecto, onde se divisa um infinito bem-estar, não podem deixar de constatar uma intervenção sobrenatural — uma graça singular de Nossa Senhora da Fátima.

Laurinda de Jesus

### Reumatismo

Venho respeitosamente pedir se digno publicar no jornal «Voz da Fátima» a graça alcançada por intermédio de Nossa Senhora e que passo a expôr: Há 5 anos adoeci gravemente com um ataque de reumatismo. Estando tolhida, com fortes dores chorava de noite e de dia sendo preciso pagar a uma mulher para me tratar, porque sou viúva e só tenho dois irmãos. Vendo que o mal cada vez era mais fú a uma cura d'água em Caldas da Rainha, mas nenhum resultado tirei, e de lá vim para a cama. Chorava inconsolavelmente a minha triste sorte. Uma minha prima sabendo o meu estado veio trazer-me um frasco de água de Nossa Senhora da Fátima. Pedi à Mãe dos desamparados que alcançasse as minhas melhoras e prometi ir visitá-la no Santuário da Cova da Iria. Nossa Senhora atendeu-me e lá fui em Julho passado satisfazer essa promessa à Virgem Nossa Senhora.

### Intestinos

Tendo tido meu querido filho Manuel Armando aos três mezes de idade com uma grave crise intestinal recorri à Santíssima Virgem pedindo-lhe que concedesse a saúde a meu filho, e prometi que no caso de ser atendida a minha prece daria testemunho público de gratidão à Virgem Santíssima por intermédio do jornal «Voz da Fátima».

Como meu filho recuperou rapidamente, graças à Grande Mãe de Deus, a sua saúde, venho com muita alegria e reconhecimento à Virgem do Rosário de Fátima cumprir a minha promessa.

Maria Helena Rocha Brito Guimarães Casimiro da Costa.

### Reumatismo

Em cumprimento de uma promessa, venho pedir o favor de publicar no jornal «Voz da Fátima» uma graça que Nossa Senhora do Rosário de Fátima me concedeu e que passo a narrar:

No mez de Agosto do ano transacto, pelo dia 14 ou 15 pouco mais ou menos, minha mãe, Santana da Conceição Afonso Gonçalves, natural da freguesia de Rabal, concelho de Bragança, caiu no leito vergada ao péso de varias dores reumáticas que, impedindo-lhe o movimento das pernas e dos braços, muito difficilmente a deixavam respirar.

Empregadas todas as receitas medicinaes, as dores, em vez de afrouxarem, tornaram-se tão agudas e insuportáveis que ela dizia que só um milagre a poderia salvar.

Nesta conjunctura, com minha familia, lembrei-me de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe entre outras promessas a de relatar a cura no Pregoeiro das suas misericórdias, se ela a obtivesse.

Oh! Maravilha! Tínhamos em casa água miraculosa de Nossa Senhora da Fátima que minha mãe começou a beber em pequena quantidade, mas repetidas vezes, e as dores começaram a diminuir tão rapidamente, que passados apenas dois dias, minha mãe encontrava-se sem a mais pequena dor!!! Peço-lhe, pois mais uma vez se digno publicar esta grande graça no «Voz da Fátima» para honrar e glorificar Jesus e Maria Santíssima, Sua e nossa Mãe bendita.

Maximiano Augusto A. Gonçalves, aluno do Colégio das missões Ultramarinas de Cocujães.

### Fractura duma rótula

É com grande satisfação e alegria que me dirijo a V.ª Reverência, para publi-

car na «Voz da Fátima» um milagre que a Virgem Santíssima me fez:

Parti a rótula do joelho a meio há quatro mezes. Estive em casa 43 dias assistida pelo médico, depois levaram-me para o Hospital da Póvoa de Varzim onde varios médicos me assistiram e disseram que não passava sem fazer operação. O Rev.º Sr. P.º Aurélio, capelão da Igreja da Miericórdia e do Hospital de Póvoa de Varzim, veio confessar-me, e trouxe-me uma garrafinha de água de Nossa Senhora da Fátima, e disse-me que pedisse com muita devoção à Virgem Santíssima, pois que ela me faria o milagre de não ser precisa a operação. E assim foi. A enfermeira D. Maria Amélia começou a lavar-me o joelho com essa água, e eu resava sempre três Ave-Maria com muita fé e devoção à nossa Mãe Virgem Santíssima, e ao fazer quinze dias comecei a andar sôzinha e não foi preciso fazer operação, e agora ando completamente bem, graças a Nossa Senhora da Fátima.

Laurinda de Jesus



Carmina da Conceição, a miraculada do dia 13 de Junho, a que noutro lugar nos referimos.

### Uma Graça

Para maior glorificação da SS. Virgem do Rosário da Fátima, Gilberta e Célia Miranda, residentes em Recife (Brasil), vêm dar publicidade a uma especial graça, que a Virgem Maria lhes concedeu:

Estando Maria Eugénia de Miranda, sua progenitora, em estado gravíssimo de disenteria bacilar, recorreram com fervor à Virgem da Fátima, afim de poupar vida tão preciosa. Quando a enferma atravessava a fase mais aguda da moléstia, tendo sido desenganada pelos médicos assistentes, rebentou a revolução de 4 de Outubro, que após vinte dias de combate, conseguiu substituir todos os governos do paiz. Um dos principais reductos revoltosos, ficara situado em local próximo à residência da enferma, havendo ali fortes fusilarias, privando-a assim do repouso absoluto, aconselhado, e também de médicos e medicamentos; isto durante 48 horas, justamente no periodo em que Maria Eugénia exigia os maiores cuidados. Acrescentamos que a mesma tomou água de Fátima durante todo o decorrer da moléstia.

Felizmente após bastantes orações formos ouvidas, pois terminou a revolução sem que a enferma sentisse nenhum choque e dentro de poucos dias entrava em franca convalescença, estando hoje perfeitamente curada. Por este motivo vimos fazer publicar esta graça para provarmos à Rainha dos Céus a nossa infinda gratidão e aumentar em seus devotos a fé que lhe tem.

Recife, 29-3-1931.

### Ferimento

Venho por este meio pedir a V.ª Rev.ª a fineza de publicar no jornal a seguinte graça que Nossa Senhora nos concedeu. No principio deste ano appareceu-me uma ferida numa perna; a principio não fiz maior caso, mas a ferida foi adiantando até que já não podendo suportar as dores fui consultar o médico que me declarou ter de ser operado. Voltei para casa triste, e contei a minha mulher o que se passava, e ela respondeu-me:

Vamos fazer um triduo a Nossa Senhora da Fátima e ela te curará.

Assim, foi; fizemos o triduo e lavou-me a ferida com água da Fátima. Depois fui ao médico e ele ficou admirado de estado em que me encontrei e disse-me que eu tivera uma ulcera mas que já estava bom. Continuei ainda o mesmo curativo alguns dias e graças a Nossa Senhora da Fátima estou bom.

Fernando de Santana Nunes

### Angina diftérica

Maria Angelina Maia de Albuquerque — Visou — tendo estado em perigo de vida com uma angina diftérica — garrotinho — prometi a Nossa Senhora da Fátima, se escapasse, publicar esta grande graça no seu jornal e de enviar uma esmola para as obras do Templo.

Tendo sempre ao peito a medalha milagrosa, Nossa Senhora dignou-se ouvir-

me nas minhas orações e às numerosas pessoas amigas que por mim pediram também.

Reconhecidíssima à boa Mãe do Céu, venho tornar pública esta graça.

### Peritonite tuberculosa

Ana Rodrigues Tavares, de 15 anos, filha de Manuel Francisco Lopes Tavares, sofria de Peritonite tuberculosa.

O médico havia-lhe extraído por duas vezes o liquido do ventre; mas, apesar de todos os cuidados clínicos, ela continuava sempre peorando.

Seus pais recorreram então a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura. Senhora da Fátima pedindo-lhe a cura graça, se Nossa Senhora lhe concedesse, e mandar celebrar 9 missas em nove primeiras sextas-feiras, ouvi-las e comungar nas mesmas. Foram atendidos, pois a rapariga está — na opinião do médico, Dr. Nunes da Silva — completamente curada. No próximo mez lá irão todos ajoelhar aos pés da que é dispensadora de todas as graças.

P. António Sanfins Pinto dos Santos

### Tumor

Tendo adoecido gravemente com um tumor maligno, que impedia o funcionamento regular dos intestinos e me causava dores agudíssimas, consultei o Sr. Dr. Raúl Cardoso, da Póvoa, que, depois de me tratar durante quinze dias sem resultado algum e agravando-se o mal, aconselhou-me a ir ao Porto consultar um especialista. Examinado pelo Sr. Dr. Abel Pacheco, foi-me dito por Sua Ex.ª que o meu estado inspirava sérios cuidados, e que resistisse de ser radiografado, porque, atento o meu mal, não me operava. Chegou até a aconselhar as pessoas que me acompanhavam a levarem-me para casa com cuidado, pois receava que morresse pelo caminho. Nesta conjunctura tratei de me preparar para a morte. Recebidos os Sacramentos, o meu Párcico, condoído de ficarem orfãos tão cedo meus oito filhinhos, sugeri-me a ideia de recorrer a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena. Comecei a logo com minha esposa e filhos, mas durante ela as dores aumentavam e a cada momento esperava o desenlace fatal. Acabada a novena as dores agudíssimas, que me torturavam há tanto tempo, desapareceram como por encanto e comecei a tomar algum alimento, que me não causava os incómodos que durante dois mezes me fizeram sofrer horrivelmente. Aos dias de tristezas indizíveis succederam dias de íntima alegria, e familia, parentes e amigos proclamavam por toda a parte que Nossa Senhora da Fátima havia alcançado mais um milagre.

Venho, pois, por este meio, patentear a Nossa Senhora o meu reconhecimento por tão grande graça recebida. Embora ainda não esteja completamente bem já cuido da administração da minha casa e da educação de meus filhos, e espero ir a Fátima na peregrinação do mes de Outubro levar uma fotografia do meu estado de doente, de que fui curado por intermédio de Nossa Senhora, Saúde dos enfermos e Rainha dos portugueses.

Desejo muito que esta graça seja publicada na «Voz da Fátima».

António Eusébio Fontes

### Diversas graças

Edmira Judith Afonso, agradece a Nossa Senhora, uma graça importante que por ela alcançou do Céu. Enviou uma esmola.

Maria Martins Ramos, de Torres Vedras, agradece a Nossa Senhora, o desaparecimento de um tumor num dos membros inferiores e a acção dum braço que ha um ano tinha paralisado por completo.

A. M. agradece duas graças a si concedidas.

Maria da Conceição Folgado, agradece uma graça. Enviou uma esmola para o culto.

Manuel Teixeira de Carvalho, de 59 anos, que desde criança sofria do estomago a ponto de ter de observar uma rigorosa dieta, agora vem publicar a cura radical que Nossa Senhora lhe alcançou. Já pode comer de tudo e nada lhe tem feito mal.

Maria Carmelita C. da Albuquerque, do Recife — Brasil, agradece a cura duma ferida grave a uma doente que tratava.

Aurélio Nunes Pardiza e sua esposa, agradecem a Nossa Senhora uma graça feita a sua filha Maria do Céu. Esta criança de 2 anos, nascera com um pé aleijado. Consultaram-se clínicos, sem resultado, e por fim conseguiram de Nossa Senhora o que já não esperavam conseguir, — o pé tornou a posição natural e tem-se mantido assim.

M. da C. — Ponte da Barca, agradece a Nossa Senhora uma graça muito importante concedida a uma sua filha.

Manuel Dionizio, de S. Eufemia, agradece a Nossa Senhora duas graças que Nossa Senhora lhe alcançou para si e outra para sua mulher.

José Fernandes, de Loulé, agradece a Nossa Senhora diversas graças temporais e espirituais de muita importância.

## AVISO

As pessoas que desejarem água da Fátima ou quaisquer objectos religiosos não devem dirigir-se a esta administração, mas sim ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima — Vila Nova de Ourém.

## Voz da Fátima

| Despesa  |                    |
|--|--------------------|
| Transporte   | 262.758\$34        |
| Papel, composição e impressão do n.º 105,                          | 4.643\$00          |
| Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, fretes etc., | 1.522\$40          |
| Com a administração em Leiria,                                     | 292\$30            |
| <b>Total</b>   | <b>269.215\$74</b> |

Donativos vários mais avultados: — Helena Gomes — Aldeia N. de S. Bento, 20\$00; Igreja de S. M. Madalena — Lisboa, 40\$00; M.ª dos R. X. Proença — Pinheiro da Bemposta, 25\$00; Salazar X Coutinho — Sernancelhe, 25\$00; M.ª E. F. de Vrissimfo — Lourinhã, 20\$00; M.ª da C. R. Basto — Algarve, 30\$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa, 80\$00; Manuel d'Oliveira — Alparça, 16\$90; Anã de Deus P.ª — Guarda, 20\$00; Ermelinda de Melo — América, 22\$00; Ermelinda Luz — América, 22\$00; M.ª do Carmo C. F. Linde — Coja, 20\$00 P.ª Ant.ª de Messia — S. Paio de Tavões, 20\$00; M.ª Bettencourt Lamas — Açores, 20\$00; M.ª Eugénia Sarmento — F. do Douro, 20\$00; Marcolina L. Santos — Sintra, 20\$00; Corina dos P. Ribeiro (distrib. em V. do Minho), 80\$00; Distribuição em Monção, 120\$00; Distribuição em Faro (D. Alice Almeida), 60\$00; José Alves Sequeira — Açores, 15\$00; Maria da Estrela Dias — América, 21\$00; «Santuário Marítimo d'Outão, 650\$05; M.ª R. Gonçalves — Guarda — Gare, 20\$00; P.ª António Baptista de Miranda — Alcains, 20\$00; «Belo Horizonte», 128\$90; Adelia Costa Santos (distrib. em Bragança), 20\$00; M.ª do P. Manso — Inhambane, 50\$00; M.ª M. da Silva — Recarei, 20\$00; P. José F. R. Novaes — Vila Cova, 42\$90; M.ª A. V. Carvalho Vieira — Porto, 20\$00; José da Costa Sampaio — Louzada, 15\$00; «Club Lusitano» — Hong Kong, 20\$00; Joaquim M. L. Junior — Campanhã, 20\$00; Distribuição em Colares (P.ª Joaquim L. Seixal), 150\$00; M. Inês F. A. Nogueira — Valadares, 20\$00; P.ª Bernardino da S. Ribeiro — Cebolões de Cima, 20\$00; José Gomes H. de Araujo — Funchal, 20\$00; Raimundo Vicente da Silva — Alvega, 30\$00; Filipe Cesar G. de Bogaça — Atalaia, 20\$00; Sebastião Henriques — Freixial de Cima, 15\$00; Joaquim H. da Costa — C. de Besteiros, 20\$00; M.ª C. Bernardino — Brazil, 15\$00; Benedicta do Carmo Branco — Alcains, 30\$00; Julio Ant.ª Cardoso — Lamego, 30\$00; Distribuição em Beiriz, 30\$00; América J. T. R. das Neves — Tomar, 20\$00; Viscondessa de Camerati — Braga, 15\$00; M.ª da Silva — Braga, 20\$00; Francisco de P. Boléo — Coimbra, 15\$00; P.ª Manuel Negreiros — Brasil, 138\$10; Distribuição em C. de Vide, 25\$00; José Cristovam Ourém — Coruche, 20\$00; Francisco Vicente (distrib. em Vizeu), 25\$00; Laura Vargas — Lisboa, 20\$00; Margarida G. de Sousa — Negrelos, 15\$00; M.ª dos P. Amaral — L. Marques, 15\$00; Olive V. der Meulen — L. Marques, 15\$00; Bento J. M. Guerra — L. Marques, 15\$00; Conceição C. P.ª — L. Marques, 25\$00; Aurora M. de S. Valente — L. Marques, 100\$00; M.ª Alice H. de Brito — L. Marques, 20\$00; Guilhermina W. Martins — L. Marques, 30\$00; Dr. José A. Soares — L. Marques, 50\$00; Elvira B. Lobo — L. Marques, 30\$00; Leonida Valente — L. Marques, 30\$00; M.ª Amalia L. Fontes — L. Marques, 50\$00; Evandra da C. Ferreira — L. Marques, 20\$00; Laura da C. Graça — L. Marques, 15\$00; Noemia Barata — L. Marques, 15\$00; Olinda da F. T. Dias — L. Marques, 25\$00; Adalina F. Leitão — Cascaes, 20\$00; Henriqueta M.ª A. H. Gouveia — Funchal, 30\$00; Teixeira & Castro L.ª — Madeira, 50\$00; Maria J. Viçoso — Morecana, 20\$00; Ana T. Ferreira — Beiriz, 200\$00; Leonor da C. Costa — Porto, 20\$00; Leonor Rosa de Viterbo — Algarve, 15\$00;

Importancias recebidas para assinaturas e donativos:

D. Julia de Sousa Nunes, 20\$00; Marquesa do Funchal, 10\$00.

Esmolas obtidas em diversas Igrejas quando da distribuição de jornais: Na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, no mes de Maio último pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 28\$50.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.